

Jucá diz que não retira garimpeiros

RAIMUNDO PACCO/RORAIMA



Reunido com líderes garimpeiros, Romero Jucá (ao microfone) culpa Igreja e Ibama pela polêmica

ANTONIO CARLOS SILVA
Enviado Especial

Boa Vista — O governador de Roraima, Romero Jucá Filho disse ontem no auditório da Emater, que se a Justiça Federal aprovar a retirada dos garimpeiros da Floresta Nacional, onde estão 6 mil 500 índios Yanomamis, conforme mandado de Segurança impetrado pelo presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais (Ibama), Fernando César Mesquita, que não colocará a polícia para retirar os garimpeiros. "A força policial para ser utilizada terá que ser outra e não a do estado" — assegurou.

No encontro que manteve com garimpeiros, políticos e representantes de entidades ligadas ao garimpo, o que mais se discutiu foi a questão da união de todos para evitar o fechamento das pistas irregulares de pousos no garimpo. Jucá e líderes garimpeiros criticaram a Igreja, insinuando ser ela responsável por toda a polêmica, e o presidente do Ibama.

Durante o encontro promovido pelo governador de Roraima com líderes dos garimpos, Jucá distribuiu e leu um documento denominado "Posição do Governo de Roraima sobre a Questão Garimpeira". Segundo o documento, "o Governo de Roraima não concordará com qualquer iniciativa voltada para a retirada à força

de garimpeiros, visto que é possível encontrar um modelo que atenda esses trabalhadores". Em outro trecho, o documento alerta os garimpeiros para a necessidade de que "todos os minérios extraídos sejam declarados e o imposto devido pago, como forma de mostrar a capacidade de gerar riquezas e o quanto é importante o imposto para o crescimento do estado". O documento lembra que o Governo de Roraima entende que a riqueza mineral não pode e não deve ficar intocada.

O governador Romero Jucá deixou transparecer que acha possível "que tenhamos uma solução que atenda aos garimpeiros, aos índios e ao meio ambiente". Ele acusou a Igreja e alguns políticos de "confundirem os garimpeiros como marginais". Confirmou ainda que o ouro extraído e comercializado em Boa Vista, com nota fiscal, é "superior em quantidade ao que se apresenta na realidade". Pede a todos que "vendam o ouro, mas exijam nota fiscal para pagar o imposto de um por cento" disse.

O encontro de ontem teve duração de duas horas e contou com as presenças de Rubem Lima, presidente da Associação Comercial de RR, Joacir Teeles de Menezes, secretário de Indústria e Comércio, José Teixeira, presidente do Sindicato dos Garimpeiros, José Altino Machado, delegado.

Governador recebe todo apoio

Boa Vista — O encontro teve a presença de cerca de 80 garimpeiros, em sua maioria transportados de graça em ônibus da Viação Boa Vista, até a Emater e todas as lideranças e entidades foram levar o apoio à qualquer iniciativa de Romero Jucá, que antes de ser nomeado pelo presidente José Sarney para ser o governador de Roraima, era o presidente da Funai. O presidente do Sindicato dos Garimpeiros, José Teixeira, discursou dizendo que "todos os que estão contra os garimpeiros (ele citou padre Jorge e o senador Severo Gomes), são esquerdistas". Outro que disparou flechas em todas as direções foi José Altino Machado, o "Rei do Garimpo" e que também acusa a Igreja por estar por trás de tudo isso e disse que Fernando César Mesquita, presidente do Ibama, "não é homem de palavra" por estar tentando retirar os garimpeiros da floresta Nacional" e antes "nos prometeu que não faria isso".

Altino também criticou severamente, o Subprocurador da Repúbli-

ca, Carlos Vitor Luz que havia pedido ao Ministério da Justiça, o fechamento das pistas de pouso clandestinas. "Não são pistas clandestinas. São pistas irregulares", advertiu ele em discurso ontem, na Emater, sob aplausos dos garimpeiros, acrescentando que o Governo Federal não "irá fechar as pistas de pouso e nem fechar os garimpos". "É uma lenda, nós sabemos. Nunca vão fechar os garimpos", disse.

Ao criticar os religiosos, principalmente os padres católicos, Altino Machado foi mais duro: "Se fechar o garimpo terão de fechar também o aeroporto de Manaus para não entrar mais nenhum pachê estrangeiro no País".

No final o governador disse que o pedido da Subprocurador da República, Carlos Luz ao Ministério da Justiça, pedindo fechamento das pistas clandestinas de pousos no garimpo, "é repudiado por todos os setores sociais de Roraima (há 86 pistas de pouso no garimpo)".

Garimpo tem até mesmo um rei

Boa Vista — José Altino Machado, um mineiro natural de Governador Valadares está envolvido com garimpo desde 1967, quando começou a exploração de minérios na Amazônia. Em 1985, ele chegou a Boa Vista já como presidente da União dos Sindicatos da Amazônia Legal (Usacal), levando na bagagem muita experiência e dinheiro de garimpo, além de um frota de pequenos aviões, que inclui um helicóptero.

Ele diz que não está rico e nem milionário. "Garimpo não tem gente rica. É um negócio de risco", diz Machado, que atualmente reside em Manaus, tem cinco filhos e dois netos, e seis aviões pequenos (um bimotor e cinco monomotores).

REI DO GARIMPO

Altino Machado, considerado o "Rei do Garimpo" é uma espécie de líder dos garimpeiros, uma classe que envolve cerca de 54 mil trabalhadores. Ele disse que com a criação da área indígena, em fevereiro deste ano e a Floresta Nacional em maio, "tudo que era considerado le-

gal, em termos de garimpo, passou a ser considerado ilegal, pela Constituição". Fazendo críticas ácidas à Constituição, ele diz que "na área indígena não pode haver exploração do subsolo para extração de minérios por nenhuma empresa" e isso inviabiliza a ação dos garimpeiros na Floresta Nacional, onde existem os Yanomami.

Segundo ele, com a criação da Floresta Nacional, onde estão cerca de 6.500 índios Yanomami, formou-se o impasse. Por que não retirar todos da área, remarcá-la e depois cria o Parque Nacional? Pergunta.

Admite que só na Floresta Nacional há 50 mil garimpeiros e 86 pistas de pouso irregulares de pequenos aviões. Ontem, à tarde, Altino foi procurado no hotel Boa Vista por índios Yanomami para, conforme ele, "manter entendimentos que possibilitem a viabilização dos trabalhos de garimpagem nas áreas indígenas". "Estamos procurando solução para o caso, longe da ação do Governo", revela Altino Machado.